
ASSIM NASCE UMA POETISA: AS TÁTICAS PRESENTES NO DIÁLOGO EPISTOLAR DE HENRIQUETA LISBOA COM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Ana Lúcia Maria de Souza Neves
UFPB/UEPB

Cabe ao pesquisador desconfiar do documento-carta, submetê-lo a um olhar crítico, desmistificar seu significado aparente. Afinal a carta é fruto de um intenso trabalho de construção de uma imagem dirigida a um ou mais destinatários, pois há uma certa “montagem” na escrita epistolar que abre espaço para a invenção. Isto é, ao criar uma ou várias imagens de si mesmo, o remetente acaba, por meio de um ato ficcional, criando uma ou mais personagens que o representam diante de seus interlocutores. O que ocorre às vezes é que o eu presente nas cartas coincide com o autor empírico, entretanto, o próprio autor empírico são muitos. (PAIVA, 2006, p. 48)

I - ESPECIFICIDADES DA EPISTOLOGRAFIA ENQUANTO GÊNERO LITERÁRIO

Para Barthes (1987, p.46-47), “A arte de falar segundo certas regras é, ao mesmo tempo, um sinal de poder social e um instrumento desse poder”. Neste trabalho temos a concepção de que a arte de escrever cartas é também este sinal e este instrumento de poder social.

Ao tratar da correspondência, o pesquisador há que considerar as intencionalidades presentes no discurso epistolar. Embora seja possível reconhecer seu valor documental como testemunho de histórias de vidas, nas leituras das cartas é preciso privilegiar mais que o conteúdo de tais documentos: é necessário investigar as condições em que foram produzidas, as intenções e motivações desse discurso, o momento, o ambiente e as relações de poder que envolvem esta escrita.

Assim como apontou Silva (2009) no seu estudo *Retórica, roda de compadres, solidão e achaques da velhice: o Machado de Assis das cartas*, o gênero epistolar corresponde a uma espécie de “primo pobre” no estudo sobre os gêneros do discurso literário. Fato este decorrente da priorização do estético e da desvalorização do retórico no campo das letras a partir do século XVIII. Com a priorização do estético, a literatura passou a ser vinculada ao ficcional, acarretando o apagamento de certos gêneros, entre eles o epistolar, do campo de estudo da crítica e da história literária.

Silva lembra-nos ainda que:

... As cartas existem, circulam e têm estrutura própria: códigos prescritivos milenares, que, naturalmente, sofrem variações de acordo com a época, os propósitos e as circunstâncias. Sua estrutura é explorada pela literatura e pelos literatos. (SILVA, 2009, P. 14)

A exploração da carta pela literatura pode ser vislumbrada no romance epistolar. Gênero que, segundo Valentim (2006), é retomado no século XX “a partir da crise dos grandes modelos explicativos e políticos”. Isto por que,

a literatura afasta-se dos projetos de engajamento social e volta-se para a escrita íntima, a recriação individual do mundo. A voga desta vertente intimista influencia a ficção e assistimos ao crescimento de uma ficcionalização autobiográfica. Quando o eu assume o discurso, em alguns casos, põe em evidência o processo de dizer o indizível, de transformar em verbo o que é memória.” (VALENTIM, 2006, P. 88-89).

Para Valentim, no século XX o romance se caracteriza não mais como a “escrita de uma aventura, mas a aventura de uma escrita; Nele, já não seguimos a evolução de um herói romanescos ou dum grupo social, mas a produção dum texto, os avatares de personagens pronominais.” Com estes avatares percorremos “a via dolorosa da personagem, acompanhando a morte dolorosa do pensamento que ressurge como verbo.” (BOURNEUF e OUELLET *apud* VALENTIM, 2006, p. 89).

Já a exploração da carta, pelos literatos, se dá de acordo com Silva (2009) quando eles “estabelecem entre si uma rede de contatos capazes de explicar processos de composição, apresentar concepções teóricas e fornecer subsídios para a compreensão da atmosfera cultural de um período histórico, entre outros aspectos.

Um exemplo: Ao se referir em 27 de janeiro de 1926 ao livro *Fogo Fátuo* (1925), de Henriqueta Lisboa, Abgar Renault deixa clara a visão machista que muitos críticos tinham no início do século XX em relação à mulher escritora:

Tem um verdadeiro talento essa moça, não acha? Finura, elegância, presença assim de forma como de expressões [...] e, sobretudo, uma rara feminilidade, qualidade, a meu ver, tanto ou quanto efusiva entre as musas femininas [...] faço questão de expressar a admiração que em mim despertaram os versos de Henriqueta Lisboa, em mim ... que sou tanto séptico a propósito de inteligência de mulher...” (RENAULT *apud* PAIVA, 2006, p. 140).

Conforme destaca Valentim (2006, p.79), na carta deve-se compreender “o processo de construção do eu como uma representação lingüística do sujeito, os simulacros criados por este mesmo sujeito se equilibram numa linha tênue entre o revelar e o esconder”.

Nesse sentido, acreditamos que, conforme destaca Duarte (2003, p.13) ao referir-se à correspondência entre Henriqueta Lisboa e Carlos Drummond de Andrade, “o conjunto das cartas ultrapassa a vida íntima e intelectual e desvenda parte do processo de criação e da poética de cada um, configurando-se também como um documento da história intelectual do país.” É em virtude disso que ao nos propormos estudar a construção poética de Henriqueta Lisboa, recorreremos também à epistolografia da poetisa.

II - A EPISTOLOGRAFIA COMO UMA DAS “INSTÂNCIAS DE ENTRADA DA FIGURA FEMININA NO MEIO INTELECTUAL”¹

No artigo “A mulher de letras: nos rastros de uma história”, Duarte apresenta quatro instâncias de entrada da figura feminina no meio intelectual: o magistério, os salões, o periodismo e a epistolografia. No que diz respeito especificamente à epistolografia, a autora destaca duas funções da carta entre as mulheres. A primeira é que a carta funciona como um “arquivo” da história de dificuldades vivenciadas pelas mulheres que almejavam “o reconhecimento e a atuação enquanto mulheres de letras no cenário cultural”; a segunda função da carta é a de “suprir a necessidade do convívio intelectual para cumprir o segundo pressuposto destacado por Chartier em relação ao “homem de letras”, os “prazeres da conversa”. Lembra a autora que por meio das correspondências foi possível o estabelecimento de vínculos intelectuais fundamentais para as mulheres:

Uma forma eficiente de resolver a impossibilidade do intercâmbio intelectual presencial, de criar redes, de estabelecer diálogos, de criar amizades literárias independentes das distâncias geográficas. As mulheres não se abstiveram desse recurso para criar vínculos com outros intelectuais, para se estabelecerem como pontos nessas redes de comunicação.

As cartas de Henriqueta Lisboa, aos seus contemporâneos, revelam bem estas duas funções, conforme aponta Duarte:

Novamente recorremos ao exemplo de Henriqueta Lisboa que guardou cuidadosamente cartas recebidas durante toda a vida de amigos, familiares, homens e mulheres de letras. Documentos que arquivam histórias de vida e de amizade literária e registram a necessidade da “conversa” para a entrada no círculo da intelectualidade. A escritora soube criar vínculos, como bem mostra a lista de correspondentes com quem manteve diálogo, dentre os quais estão Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Murilo Rubião, Oneyda Alvarenga, Murilo Mendes, Abgar Renault, Cyro dos Anjos, Alphonsus de Guimaraens Filho, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Bartolomeu Campos de Queirós, Júlia Lopes de Almeida, Laís Correia de Araújo, Geir Campos, Nelly Novaes Coelho, Adalgisa Nery, Henriqueta Galeno, Stella Leonardos, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Ribeiro Couto, Gabriela Mistral, Jorge Guillén, Roger Bastide, Assis Brasil, Hernani Cidade, Sérgio Milliet, Antenor Nascente, Antonio Candido, Mário da Silva Brito, José Mindlin, Guilhermino César, Paulo Rónai, Oscar Mendes, entre tantos outros.

III A EPISTOLOGRAFIA HENRIQUETIANA

Recentemente, a obra de Henriqueta Lisboa vem sendo retomada pela crítica preocupada em estudá-la situando-a perante seus contemporâneos, locais e nacionais, e observando os laços existentes entre poesia e vida intelectual. Destacam-se nesse sentido, a pesquisa da professora Constância Lima Duarte - *Henriqueta Lisboa: uma biografia intelectual* (1998-2002) por meio da qual recolheu e organizou a correspondência da escritora mineira com alguns intelectuais, como Mário de Andrade, Cecília Meireles, Gabriela Mistral e Carlos Drummond, tentando relacionar a escritora com o contexto histórico e cultural da época, em especial no que diz respeito ao papel da mulher no mundo das letras e na sociedade.

Sentimos assim a necessidade de retomarmos a obra de Henriqueta Lisboa a partir das suas últimas produções, mais especificamente do seu último livro, *Pousada do Ser*, das suas correspondências e dos ensaios críticos a fim de compreender, de maneira mais aprofundada, o projeto poético henriquetiano. Este é o objeto da tese que no momento estamos desenvolvendo.

3.1 Especificidades da epistolografia henriquetiana

A epistolografia henriquetiana representa ainda um campo de estudo muito pouco explorado. Começou a ser estudada a partir do projeto *Henriqueta Lisboa: uma biografia intelectual* (1998-2002) da professora Constância Lima Duarte. Com base neste projeto, as

cartas começam a ser publicadas, a exemplo do volume 23 da revista *Remate de Males*, que apresenta as correspondências trocadas entre Henriqueta Lisboa e Carlos Drummond de Andrade. Além disso, começaram a ser produzidos estudos críticos sobre a epistolografia de Henriqueta. Dentre estes estudos encontram-se o artigo *A mulher de letras: nos rastros de uma história*, de Constância Lima Duarte & Kelen Benfenatti Paiva e a dissertação *Histórias de vida e amizade: as cartas de Mário, Drummond e Cecília Para Henriqueta Lisboa* (2006), de Kelen Benfenatti Paiva, que foi orientada pela professora Constância Lima Duarte.

Conforme assinala Paiva (2006), a correspondência de Henriqueta Lisboa caracteriza-se por uma expressiva dimensão:

São cerca de três mil documentos, dentre os quais estão cartas, cartões, bilhetes e telegramas organizados em duas grandes séries: “Correspondência pessoal” e “correspondência burocrática”. A correspondência pessoal abrange as missivas recebidas de intelectuais, leitores, amigos e familiares, e a burocrática, reúne cartas e ofícios de comissões, instituições, associações e editoras. (PAIVA, 2006, p.17).

Em seu estudo Paiva se detém na análise das correspondências trocadas entre Henriqueta e Carlos Drummond e nas missivas enviadas à poetisa mineira por Mário de Andrade e Cecília Meireles. Para tanto, estabelece em seu estudo três eixos temáticos: 1) amizade e correspondência referente à correspondência trocada entre Henriqueta e Drummond; 2) questões sobre a poética de Henriqueta Lisboa e a relação da sua poesia com a crítica literária, no enfoque das missivas de Mário; 3) o duplo papel de autora e mulher, a partir das missivas de Cecília.

Nas suas considerações finais a estudiosa apresenta algumas das faces da poetisa Henriqueta Lisboa no diálogo com os interlocutores Drummond, Mário e Cecília:

As cartas de Mário mostram uma Henriqueta sensível, “um ser de passarinho” capaz de, por meio da palavra, acalantar o inquieto espírito do amigo com “cartas meigas” e “animar o menino poeta”; mostraram ainda uma “discípula” atenta às aulas de literatura via correio dadas pelo “mestre” do Modernismo brasileiro. Nas correspondências com Drummond, revelou-se uma Henriqueta que, pela poesia, conquistou o respeito e a admiração do “Poeta Maior” mantendo-se sua leitora assídua e também sendo lida e elogiada por ele. Revelou-se ainda uma escritora cuja poesia foi realmente “profissão de fé”, sendo usada em todos os momentos da vida, seja para parabenizar o poeta por uma data festiva, como o seu aniversário, seja em momentos difíceis, para consolá-lo pela morte de um ente querido. Nas missivas trocadas com Cecília, a imagem construída para o leitor é a da própria personificação da bondade, Henriqueta é um “anjo”(…) como afirma Cecília (...).

Todas essas faces apontam para a leitura que a crítica muitas vezes realizou, aproximando a vida e a obra de Henriqueta Lisboa, desde a publicação do seu primeiro livro-*Fogo Fátuo*_ em 1925: poetisa tímida, esquiva, religiosa.

Neste texto queremos chamar a atenção para outra face da poetisa Henriqueta Lisboa, vislumbrada em sua correspondência com o escritor Carlos Drummond. A da mulher escritora que dos anos vinte aos anos oitenta do século XX sob utilizar o seu fazer literário como a “tática” para atingir o reconhecimento da sua arte, sua poesia.

3.2 As táticas presentes no discurso epistolar de Henriqueta para Drummond

Na obra *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa*, constam vinte e sete correspondências escritas por Carlos Drummond de Andrade e quarenta de Henriqueta Lisboa. As missivas de Drummond são constituídas de cartas, bilhetes e cartões, as de Henriqueta, além dos três gêneros citados, apresenta quatro telegramas. A organizadora do volume referente às epístolas destaca que este número não revela o conjunto de correspondências trocadas entre os dois escritores, tendo muitas cartas se extraviado o que é revelado pelas lacunas entre as datas e pela falta de continuidade nos assuntos tratados. As correspondências datam de janeiro de 1938 a janeiro de 1983 e tratam de assuntos diversos, conforme afirma Duarte:

Há um pouco de tudo nestas missivas. Desde notícias sobre a saúde, os pêsames por um falecimento, o agradecimento por um favor, até a apresentação de um novo poeta ou o comentário sobre algum fato mais relevante. Mas, principalmente, estas cartas respiram vida literária e apontam para o relacionamento cordial que se criou entre eles. À medida que trocavam livros entre si, os poetas se escreviam para acusar o recebimento de uma obra e muitas vezes para tecer comentários que são verdadeiros pequenos ensaios sobre a literatura e a poesia. Em algumas, estabelece-se, em meio a conversas mais íntimas de amizade, um diálogo de alto nível, que vem a ser, nos dias de hoje, um valioso documento de nossa história intelectual. Nestes momentos, para além da comunicação entre dois amigos, temos, antes, uma espécie de fórum de discussão sobre a criação poética. (DUARTE, 2003, P.10).

Percebemos na troca de correspondências entre Henriqueta e Drummond o que Silva (2009) chama de “rede de contatos”. O diálogo dos literatos caracteriza-se por explicar processos de composição, apresentar concepções teóricas e fornecer subsídios para a compreensão da atmosfera cultural do período histórico vivido pelos poetas, entre outros

aspectos. A nosso ver, a literatura, ou “vida literária” como menciona Duarte, é realmente o fio condutor nas cartas trocadas entre Henriqueta e Drummond, chegando a funcionar como uma tática utilizada pelos escritores, que também se constituem como leitores da obra um do outro. É no cerne desse jogo entre o estabelecido pelo autor (remetente) e o construído pelo leitor (destinatário), em outras palavras, é na simultaneidade das estratégias e táticas, instrumentos utilizados respectivamente pelo escritor e pelo leitor, que se dá o fenômeno da leitura. Conforme destaca Certeau (1996, p. 266), “por um jogo de implicações e de astúcias entre duas espécies de ‘expectativa’ combinadas: a que organiza um espaço *legível* (uma literalidade) e a que organiza uma *démarche* [ou tentativa] necessária para a *efetuação* da obra (uma leitura)”.

Na obra *A invenção do cotidiano* (1996), Certeau apresenta dois conceitos fundamentais para se entender e analisar as práticas cotidianas: “estratégias” e “táticas”. A **estratégia** é “o cálculo ou a manipulação de relações de força que se tornam possíveis a partir do momento em que um sujeito de vontade ou poder é isolável e tem lugar de poder ou de **saber**”. Dessa forma, a estratégia é definida pela POSSE DE UM LUGAR PRÓPRIO, como é o caso, por exemplo, a nosso ver, dos literatos pertencentes ao cânone nacional. Quanto às **táticas**, Certeau aponta que são definidas pela ausência de um lugar próprio. Constituem-se por uma ação calculada ou pela manipulação de força quando não se tem “um próprio”, quando **estamos dentro do campo do outro**, no interior de um campo definido pelo outro e é em função da ausência desse lugar próprio que calculamos a relação de força.

Nesse sentido, estamos concebendo as epístolas de Henriqueta Lisboa como este espaço caracterizado pela ausência de um lugar próprio e marcado por táticas por meio das quais a poetisa/leitora aproveita conjunturas, circunstâncias, dentro do campo de visão do seu interlocutor a fim de provocar, a partir da troca de idéias, alterações na condição que ocupa enquanto uma mulher escritora.

Nesse jogo, as correspondências de Henriqueta Lisboa (re)velam uma “leitora astuciosa”. Suas cartas criam a imagem de uma leitora assídua e conhecedora do estilo do seu interlocutor e, principalmente, da literatura. Este fato é extremamente significativo se levarmos em consideração o lugar ocupado pela mulher escritora no período em que as cartas são escritas. O próprio Drummond deixa transparecer a sua visão “limitada” em relação à escritora, conforme assinalam os editores do volume da *Remate De Males*, dedicado às

correspondências entre os escritores mineiros. Os editores destacam a passagem do artigo sobre o livro *Prisioneira da Noite*, no qual Drummond, ao elogiar o estilo de Henriqueta Lisboa, assinala o lugar da poetisa apenas entre as mulheres escritoras. Vejamos um trecho do artigo de Drummond, o qual foi incluído, pela organizadora, no volume referente às cartas dos poetas mineiros: “Seu nome pode figurar, sem timidez, ao lado dos de Cecília Meireles e Adalgisa Néri, que mais longe levaram, entre nós, a mensagem da poesia feminina.” (DRUMMOND *apud* DUARTE, 2003, p.23).

Frente a discursos como o de Drummond, segundo o qual a poesia escrita por uma mulher traz a marca da diferença em relação à poesia masculina, muitas vezes confundindo diferença com inferioridade, Henriqueta Lisboa sabiamente dirigiu sua palavra não apenas a mulheres escritoras, como à própria Cecília Meireles, mas aos consagrados, pela crítica como expoentes do Modernismo, dentre estes Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. A este respeito é significativo o fato de que é a poetisa mineira que inicia o diálogo com os escritores, enviando-lhes a primeira correspondência. É importante destacarmos que para Certeau relacionar-se implica “mil maneiras de jogar”, logo representa também a possibilidade de “desfazer o jogo do outro, o espaço constituído por outros. Relacionar-se caracteriza uma atividade sutil, tenaz e resistente de grupos que tem que se desembaraçar de uma rede de forças e representações estabelecidas.” (SANTOS & MORTIMER, p.2).

Passemos agora a análise de alguns trechos das correspondências de Henriqueta Lisboa a Carlos Drummond. A nossa abordagem centrar-se-á na reflexão sobre a representação da poetisa/leitora presente nas epístolas com o objetivo de que possamos identificar na voz do EU presente nas cartas as marcas que em seu discurso aparecem associadas à imagem de uma poetisa/leitora digna do reconhecimento do seu interlocutor. Lembrando que estamos tomando o texto epistolar como um espaço que se encontra marcado também pela invenção. Logo, ao lado da persona Henriqueta “tímida”, “espiritualista”, “frágil”, “delicada”, como aparece em várias cartas do Drummond e de outros interlocutores, existe outras personagens, e dentre estas a da mulher escritora que desejou e lutou com as armas que tinha, melhor dizendo com as “táticas”, para tornar a sua obra reconhecida. Neste breve estudo selecionamos três “táticas” identificadas no discurso epistolar da poetisa/leitora Henriqueta Lisboa frente à imagem do poeta/leitor Carlos Drummond de Andrade: primeira tática é a da leitora conhecedora da obra do seu interlocutor; a segunda é a da poetisa que tem um projeto poético

definido e solicita a colaboração de seu interlocutor, seja apresentando uma apreciação de sua obra, seja indicando-lhe a uma editora; a terceira é a da poetisa que conhece sobre poesia.

Em várias cartas de Henriqueta Lisboa aparece a imagem da remetente que se interessa e que conhece em profundidade a obra do seu interlocutor. Vejamos alguns exemplos. Carlos Drummond de Andrade

Depois de ler e reler, com singular interesse, o *Sentimento do Mundo*, quero manifestar-lhe a impressão que me causou esse livro estranhamente sofrido, intensamente realizado. (carta datada de 28 de outubro de 1944).

Voltarei a ler, muitas vezes, “A um bruxo, com amor”, “ especulações em torno da palavra homem”, etc., etc (carta datada de 4 de fevereiro de 1959, p.63).

Cada vez mais estranha e original é a sua poesia. Lição de coisas faz meditar, imaginar e sentir, como todos os seus poemas, com a extraordinária força comunicativa que o distingue. (carta datada de 22 de julho de 1962, p.74).

Ler o *Boitempo*, reler alguns poemas já encontrados, ter o livro com dedicatória especial do seu grande autor, isto é alegria verdadeira para uma pessoa que tanto ama a poesia. (carta datada de 21 de janeiro de 1969, p.83).

Em todos os trechos a remetente aparece como uma leitora assídua da obra do seu interlocutor, aspecto indiciado pelas expressões “ler e reler”, “voltarei a ler, muitas vezes”, “reler alguns poemas já encontrados”. Os trechos indicam também que devido a este empenho na leitura, a remetente é uma conhecedora da obra do seu interlocutor como sugere o aposto: “como todos os seus poemas”, fazendo crer que a poetisa conhece toda obra do poeta. Ao demonstrar que conhece a obra do seu interlocutor, a poetisa/ leitora mergulha no espaço do outro, e é neste terreno, organizado e consagrado pela instituição literária, que suas ações vão se dar. Uma dessas ações, considerada aqui uma tática, é a solicitação da colaboração de seu interlocutor.

Já na primeira carta enviada a Carlos Drummond, datada de 28 de janeiro de 1938, Henriqueta comenta sobre seus projetos literários e justifica a solicitação de sua transferência como inspetora de ensino de São Lourenço para Belo Horizonte com a finalidade de dispor de mais tempo para desenvolvê-los:

Além dos motivos pessoais que me levam a insistir no pedido, gostaria que me fossem poupadas as longas, contínuas e fatigantes viagens, a fim de poder realizar este ano dois trabalhos: um estudo sobre o Simbolismo Brasileiro, em que serão focalizados, além de Alphonsus, 5 ou 6 poetas ilustres, e uma Antologia de Poetas

Mineiros a partir dos Últimos Românticos, com notícia biográfica e estudo crítico, de colaboração, o segundo, com o Dr Arduino Bolivar.
Não é um bonito programa? (Carta datada de 28 de janeiro de 1938).

Em outra correspondência (cartão de visitas) de 22 de outubro de 1956, Henriqueta Lisboa solicita a Drummond a indicação junto a José Olympio para a edição de um livro de poema escrito por ela:

Carlos,
José Olympio foi consultado por Oscar Mendes sobre a possibilidade de editar poemas escolhidos – meus.
Se você acha que vale a pena, diga uma palavra a respeito àquele respeitável senhor.
Afetuosamente obrigada,
Henriqueta. 22-10-56.

Ao contrário da imagem da mulher “tímida”, “reservada”, associada à figura de Henriqueta Lisboa, percebemos em suas cartas a imagem de uma pessoa empenhada, que não se abstém de solicitar a colaboração, recorrendo, para tanto, a figuras de renome no meio político e cultural, caso de Carlos Drummond.

Uma outra tática é a de se mostrar como uma profunda conhecedora da área literária. Ao contrário do que pensavam muitos críticos e escritores contemporâneos sobre a mulher escritora no início do século XX, a imagem da poetisa que aparece nas cartas é a de uma profunda conhecedora dos diferentes gêneros literários e em especial da poesia como escritora e como apreciadora. A este respeito vejamos a carta abaixo endereçada a Drummond na década de quarenta:

Carlos Drummond,
Vamos falar de poesia. Acabo de ler o seu poema “Como um presente”. Encerra um mundo, essa prodigiosa página, a mais impressionante de suas produções, possivelmente a mais bela. É, ao mesmo tempo, completa e inefável, como deve ser a beleza.
Verifico, ainda uma vez, a superioridade do gênero poético sobre os outros gêneros literários, quando permitimos uma divisão e uma classificação. Em romance algum, em nenhuma biografia se encontrará essa força concentrada, essa profundidade como que simples; essa gravidade ao brincar, esse dizer claro sem ferir delicadezas, essa humanidade vivendo em cada palavra.
Apenas o essencial, e tudo foi dito, no equilíbrio perfeito. Uns poucos traços nos dão um retrato, uma história. E também a revelação daquele segredo que ressuscita hoje, precisamente, em você, na sua poesia.
Aquele dureza de caráter deve ser a chave da sua personalidade artística. E aqui termina a minha indiscrição.
Cordialmente,
Henriqueta Lisboa. (Carta datada de 15 de fevereiro de 1944, p.29).

Em sua dissertação Paiva (2006) já assinala que em vários momentos de sua correspondência a Drummond, Henriqueta Lisboa “faz das cartas instrumento mediador da reflexão literária.” (p.74). A estudiosa destaca também que é graças à sensibilidade crítica revelada nas cartas que Henriqueta antecipa em suas apreciações muitas das características da poesia drummondiana que seriam apontadas posteriormente pela crítica:

As considerações sobre a obra de Drummond revelam um exercício crítico bastante aguçado, e privilegiam questões como o lirismo, a nostalgia, o ludismo, o humor, o engajamento, a náusea, o pessimismo, a meditação filosófica, existencial e o próprio fazer poético. (p.76).

Ao contrário de Paiva (2006), no entanto, vemos nessas missivas da autora mineira, muito mais do que apenas “comentários elogiosos entre amigos” (p.81). A nosso ver, há na perspicácia e na força da palavra de Henriqueta a “tática” de provocar no seu interlocutor uma leitura, como nos fala Certeau, no mínimo a de que a remetente tem propriedade no seu dizer. Sabe o que diz e por isso merece ser ouvida, ou melhor, lida e respeitada no cenário cultural, na época ainda tão dominado pela visão machista. Dessa forma, percebemos que as epístolas de Henriqueta Lisboa encontram-se marcadas pelo contexto histórico-social, cultural e político, reagindo frente às estratégias de dominação, ainda que veladas, presentes nos discursos de seus interlocutores.

¹ A expressão “instâncias de entrada da figura feminina no meio intelectual”, empregada em relação à epistolografia, é da professora Constância Duarte e encontra-se no texto *A mulher de letras: nos rastros de uma história*.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A aventura Semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. 2. Ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

DUARTE, Constância Lima. **Remate de Males.** *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa.* Campinas: departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, n23, 2003.

_____ & PAIVA, Kelen Benfenatti. **A mulher de letras: no rastro de uma história.** Disponível em: www.ufjf.br/revistaipotese/files/2009/10/a-mulher-de-letras.pdf)

GALVÃO, Walnice; GOTLIB, Nádia. **Prezado senhor, prezada senhora: um estudo sobre cartas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PAIVA, Kelen Benfenatti. **Histórias de vida e amizade: as cartas de Mário, Drummond e Cecília Para Henriqueta Lisboa.** Belo Horizonte. 2006. Dissertação de mestrado.

SANTOS, Flávia Maria Teixeira dos. & MORTIMER, Eduardo F. **Estratégias e Táticas de Resistência nos primeiros dias de aula de Química.** Disponível em: qnesc.sbq.org.br/online/qnesc10/aluno.pdf

SILVA, Otoniel Machado da. **Retórica, roda de compadres, solidão e achaques da velhice: o Machado de Assis das cartas.** João Pessoa: 2009. Dissertação de Mestrado.

VALENTIM, Cláudia Atanázio. **O Romance Epistolar na literatura Portuguesa da segunda metade do século XX.** Rio de Janeiro. 2006. Tese de doutorado.